



GÊNERO E EPISTEMOLOGIA: DISCUTINDO O ANDROCENTRISMO NO CONHECIMENTO

RAIZA ALVES PEREIRA¹; FLAVIA DE CARVALHO CHAGAS²

¹ Universidade Federal de Pelotas – raiza-alves@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – flaviafilosofiaufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A epistemologia é uma área da filosofia que aborda questões sobre o que é conhecimento, sobre o que podemos conhecer e como adquirimos conhecimento. Uma de suas ramificações é a epistemologia social que trata de temas relacionados a propriedades epistêmicas de indivíduos enquanto membros de grupos sociais e suas relações com outros indivíduos e grupos (GOLDMAN, 2011). Assim, a epistemologia social compreende o conhecimento como um empreendimento social que está submetido a determinados vieses. A epistemologia feminista é um segmento da epistemologia social que trata como as relações de gênero influenciam a produção de conhecimento.

Uma das correntes mais proeminentes na epistemologia feminista é a epistemologia feminista naturalista. A posição naturalista pode ser compreendida em linhas gerais como uma corrente que defende que a epistemologia está em continuidade com as ciências e que, portanto, pesquisas científicas podem auxiliar a epistemologia. Uma das principais filósofas que defendem esta posição é Elizabeth Anderson (1995). Segundo ela, um dos problemas fundamentais da epistemologia do ponto de vista social apresentado pela filosofia feminista é o androcentrismo, que ela explica da seguinte forma:

Uma prática epistêmica é androcêntrica quando ela reflete uma orientação voltada especificamente a interesses masculinos ou a vidas masculinas. Androcentrismo pode aparecer na prática epistêmica de ao menos dois modos: no conteúdo das teorias ou programas de pesquisa e nos interesses que levam os pesquisadores a enquadrar suas pesquisas em certos termos ou em determinados problemas. (ANDERSON, p.70, 1995)

De acordo com Anderson, as feministas avançaram no debate da epistemologia feminista expondo o androcentrismo em suas respectivas áreas, tanto nas ciências naturais quanto nas sociais. Ela afirma que o androcentrismo faz com que teorias se concentrem em vidas masculinas e que a masculinidade se torne a norma para os animais e para a humanidade em geral. Partindo desse viés, as características e comportamentos considerados femininos se tornam desvios que devem ser explicados pela teoria em questão. Além disso, as categorias femininas assim representadas muitas vezes são vistas como inferiores. Anderson oferece como exemplo pesquisas da psicologia que tentam explicar porque mulheres são diferentes dos homens, que estabelecem o comportamento masculino como padrão.

Anderson assevera que outro modo de como uma teoria se configura como androcêntrica seria descrever ou definir um fenômeno numa perspectiva masculina. Ela sustenta que muitos economistas e cientistas políticos realizam esta prática. Ela cita como exemplo a distinção muito utilizada por economistas



entre trabalho assalariado e lazer, que afirma que quando um indivíduo não está exercendo seu trabalho, ele está em atividade de lazer. Contudo, esta distinção não faz sentido para mulheres, principalmente enquanto mães e casadas, pois quando elas não estão no seu trabalho assalariado, elas muitas vezes estão realizando atividades de trabalho doméstico e não de lazer.

Anderson afirma que mesmo quando as características femininas não são excluídas, uma teoria pode ser androcêntrica ao considerar atividades ou categorias masculinas como cruciais para entender determinado fenômeno. De acordo com ela, os primatologistas costumavam se concentrar quase que exclusivamente no comportamento de primatas machos em suas pesquisas. Esses pesquisadores defendiam que a estrutura social era estabelecida com base na relação do macho dominante com os outros machos. Porém, com o aumento de mulheres primatologistas as perspectivas das teorias também mudaram. Pesquisadoras da área descobriram que a taxa de mortalidade infantil de primatas variava bastante dependendo do status e do comportamento das fêmeas, e também que muitas vezes a sobrevivência do grupo dependia da fêmea mais velha, visto que em alguns casos era ela que indicava onde havia água depois de uma seca.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa teórica e explicativa através de revisão bibliográfica. O primeiro passo da pesquisa foi a leitura e análise dos textos referenciais. Para explicar a concepção de epistemologia social foi utilizado o artigo do filósofo Alvin Goldman. Para tratar da análise sobre o que é epistemologia feminista foram utilizados os artigos de Helen Longino e de Elizabeth Anderson. O principal referencial teórico foi a perspectiva da epistemologia feminista naturalizada de Anderson e sua apresentação do problema do androcentrismo no conhecimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A epistemologia feminista é uma área recente da epistemologia que surgiu por volta da segunda onda do feminismo junto com várias indagações sobre como o preconceito de gênero estava presente nas diferentes áreas do conhecimento. Com a ajuda de feministas de diferentes áreas, notou-se que o viés de gênero afetava e até mesmo prejudicava as pesquisas científicas.

Anderson (1995) demonstrou que a centralidade em um gênero pode ser encontrada de três formas nas teorias científicas. O primeiro modo é apresentado quando uma teoria determina que características de um gênero sirvam de regra para os dois. Outro modo está na definição de conceitos centrais referentes a um gênero ou sexo considerando apenas características, comportamentos e perspectivas somente de machos ou fêmeas. Por fim, outra maneira de centralizar uma pesquisa em apenas um gênero ocorre quando se toma comportamentos, situações e características de um sexo ou gênero como causalmente central para indicar determinado fenômeno. Embora modelos ginocêntricos às vezes possam ser utilizados, a maioria dos vieses tendem a utilizar modelos masculinos para as teorias.



4. CONCLUSÕES

De acordo com Anderson (1995), uma teoria que coloca um gênero como norma para os dois possui uma carga explicativa maior que teorias que tentam representar os dois gêneros de maneira igualitária. Um dos problemas que esse tipo de teoria tem que responder seria como uma explicação desigual constitui uma melhor resolução para explicar características específicas de gênero. Segundo Anderson, a ciência moderna demonstrou que o universo não possui um *telos*, por isso é difícil afirmar que um gênero sirva naturalmente de norma para outro. Desse modo, parece que a única explicação plausível seria que o androcentrismo é baseado em valores e juízos morais sexistas. No entanto, ela não sustenta que as teorias com viés androcêntrico sejam substituídas por teorias com viés ginocêntrico, embora em alguns casos esta possa ser uma melhor explicação, dependendo da adequação empírica. Ela defende que as teorias feministas devem se preocupar em fazer as teorias mais igualitárias, ainda que elas tenham valores morais como plano de fundo.

Anderson afirma que a maioria das teorias que adotam um conceito que se refiram a características específicas de um gênero como norma e a generalizam são empiricamente inadequadas. Ademais, políticas públicas que são pautadas por teorias androcêntricas levam a uma situação de injustiça, pois elas não podem responder a fenômenos que são invisibilizados. Por fim, Anderson ressalta que devemos reconhecer que a seleção de um objeto de pesquisa é sempre relacionada aos interesses e valores do pesquisador e ao negarmos em reconhecer isso pode ocasionar que pensemos que uma pesquisa aponta de maneira objetiva para um fato, como por exemplo, que as mulheres não possuem impacto na economia, quando na verdade o pesquisador não buscou estudar a perspectiva feminina do fato.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Elizabeth. **Feminist Epistemology**: An Interpretation and a defense. **Hypatia**: A Journal of Feminist Philosophy, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 50-84, 1995.

GOLDMAN, Alvin. **Social Epistemology**: Essential Readings. New York: Oxford University Press, 2011.

LONGINO, Helen. Epistemologia Feminista. In: GRECO, John; SOSA, Ernest.(org.) **Compêndio de Epistemologia**. São Paulo: Edições Loyola. 2012